

*amostragem complexa*



*simone campos*

# amostragem complexa

**7 LETRAS ]**

*Este livro foi selecionado pelo Programa Petrobras Cultural*

**BR** **PETROBRAS**



**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

2009 © Simone Campos

*Produção editorial*

Debora Fleck  
Isadora Travassos  
Marília Garcia  
Valeska de Aguirre

*Editora-assistente*

Larissa Salomé

*Revisão*

Amanda Bastos  
João Paulo Cruz

*Foto de capa*

Simone Campos

*Produção gráfica*

Isabella Carvalho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C21a

Campos, Simone  
Amostragem complexa / Simone Campos. Rio de  
Janeiro: 7Letras, 2008.  
104p.

“Este livro foi selecionado pelo Programa  
PETROBRAS Cultural”  
ISBN 978-85-7577-559-2

1. Conto brasileiro. I. Programa PETROBRAS  
Cultural. II. Título.

08-5405.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

Viveiros de Castro Editora Ltda.  
R. Jardim Botânico 600 sl. 307  
Rio de Janeiro RJ CEP 22461-000

www.7letras.com.br  
editora@7letras.com.br  
tel (21) 2540-0076

## Sumário

7	Mousmé (conto japonês)
24	Herói
31	Senhora, Senhorita
37	Composição
44	Ao cubo
48	Segundo andar
71	Sexo em Anegue (conto africano)
82	Tabu
97	Elidu ou como se fosse 1995
108	O último dia
116	Tão bonito que dói
135	Wifi



## **Mousmé (conto japonês)**

*“Eu precisava agir, exatamente por ser tão inútil.”*  
YUKIO MISHIMA em *O templo do pavilhão dourado*

I.

Nunca me apaixonei por um professor. Meus professores é que se apaixonam por mim, desde a 6ª série, ano em que comecei a ter professores homens.

Nunca eram correspondidos, sequer incitados. Só que fatal.

Mesmo os professores-galãs, que poderiam escolher uma colegial para levar para um canto, nas festas caipiras, ou para um reservado, nas formaturas, e escolhiam e levavam, eu os tratava como a qualquer outro mortal.

São atenções mínimas, mas inegáveis. Por exemplo, o professor de geografia tinha um algoritmo de distribuição de pessoal nas provas. Ele não o divulgava, eu o intuía. Pois ele me deslocava do meu lugar geograficamente correto para me poupar do sol.

Professores apaixonados continuam a lhe ouvir depois que você terminou de falar. É um modo educado de dizer que têm a boca aberta e o olhar perdido. É ultrajante o quanto ficam feios fazendo isso.

Ninguém percebe. Só a pessoa que deu a resposta. É constrangedor.

Eles não estão simplesmente apaixonados. Estão enfeitiçados.

É constrangedor para eles também.

Depois que já ouviram a frase extra, sussurrada a vapor em sua imaginação, um dedo invisível estala e o quartzo volta a ticar. Você senta.

Não sei o que pode causar essa situação, realmente. Mas possuo algumas teorias.

Eu falo e rio menos que as outras garotas, e pessoalmente acho que as pessoas ficam muito feias quando mostram os dentes, portanto falo e rio menos ainda.

Tenho uma coleção de formas irritantes de andar. Lentamente, estudando um passo por vez, balouçando ligeiramente os braços sem dobrá-los. Veloz, cortando o ar e os fluxos humanos, esticando as pernas além do recomendável a uma dama. Inflexível, estacando à frente de quem se recusa a se desviar de meu caminho. Curvilínea, a seqüência completa de movimentos, modelo na passarela (leve olhar apertado, de ódio, ao horizonte).

O mais importante é: quieta, e asseada, e séria; olhos vítreos, não fugidios, água-e-metal. Isto, conjugado à mania de não responder perguntas cretinas e manter a boca ligeiramente aberta enquanto (não) faço isso, me valeu o apelido de “débil”.

As protuberâncias do meu rosto são bem destacadas. Nariz; maxilar; queixo; tenho os três. Outro dia mesmo, numa festa de casamento, um tio bêbado elogiou minhas “feições boleadas”. Também me convidou para dançar (o imbecil. Se eu quisesse cometer incesto, há homens bem mais bonitos na família.)

Eu tinha uma amiga chamada Sofia; os pais dela faliram e ela teve que sair do colégio no meio do ano. Ela dizia:

– Você tem dezesseis, mas parece quarenta.

Alguém precisava me dizer isso, não?

– Exagerada, eu dizia, não me dou nem trinta...

Meu problema maior não é a idade que tenho agora. Meu problema é que nunca tive treze anos. Nunca estive no ponto, e meus professores é que se apaixonam por mim, em vão.

Eu os canso. Acabam cultivando algum tipo de fantasia secreta. São atenções mínimas, mas inegáveis. O professor de geografia, por exemplo, com seu algoritmo. Ele procurava me poupar do sol. Logo, ele sabia a pele que eu tinha. Portanto, tinha observado; notado; se importado; e, com base em suas observações, tomado uma decisão parcial e protetora. É uma série de ações bastante comprometedora.

É fácil me acusar do complexo de CDF, de lambe-botas de professor, que excluiria as possibilidades mais instigantes. Os resultados apontam para isso.

Vocês não sabem de nada.

O desgaste é iminente. Não paro de pensar na desdita dos pobres mestres carentes. *Chudai bí iórspéchal frênd?* Morte horrível. Eu não sou esta garota – atendendo demandas de homens crescidos como Florence Nightingale. Consolem-se com as garotas normais, escolham uma para levar ao reservado na formatura como Doge faz todo ano. Doge me escolheu este ano, e não estamos nem no terceiro bimestre.

Por que não bastam as garotas normais, as desenvolvidinhas? Tem vontade de sofrer, professor? Quer abrir a caixinha de pandora? Eia, pode ficar.

Não consigo.

Eu estava atrasada e procurei o funcionário do balcão para me informar mais rapidamente.

– “A morte voluntária no Japão”.

- Como é?
- “A morte... voluntária no Japão”.
- Mas como assim, morte voluntária?
- Seppuku.
- Ah, que nem o Yukio Mishima, aquele escritor japonês.

*Blank face.* Ele esperava alguma reação diferente, pois continuou.

– Sabe, aquele escritor japonês...? O Mishima. Na frente de todo mundo... que cometeu o harakiri? Yukio Mishima?

Ao final de cada frase, ele olhava para o meu rosto e buscava ou a cumplicidade de conhecer Yukio Mishima ou o encabulamento de desconhecê-lo. Mas, *blank face*, e, portanto ele voltava a tartamudear. Isto se repetiu mais algumas vezes até ele se dar por vencido e simplesmente digitar os dados no terminal.

- “A morte voluntária no Japão”, de Maurice Pinguet.
- Sim – sorriso – este mesmo.

Eu não devia ter sorrido. Isto o encorajou. Batucou mais caracteres em seu teclado, febril como um operador de bolsa, e sete segundos depois proclamou, auto-orgulhoso:

- Tenho cinco.

Cinco era exatamente o número encontrado pela minha ferramenta de busca em sebos preferida, mas não queria acreditar que aquele homem estava indo a tais extremos para conquistar meus favores.

- Cinco? Onde? – olhando em volta.
- Um na Paraíba, um em São Paulo, um no Rio Grande do Sul...
- Ah – disse, repudiando a solução.
- Vem aqui ver. É uma ferramenta de internet...

– “Cyberlivro” – assinto.

Ele se decepciona. Eu não preciso ir ver o que eu já conheço. Seu último golpe cortejador acaba de gorar. Eu não me deslumbro com a erudição dele. Eu não deixo ele puxar conversa. Sou impessoal. Ele não está acostumado.

Ninguém neste maldito país está.

– Vocês deviam ter vivido a ditadura, pra ver o que é bom.

Assim se encerra a defesa do governo atual pelo Professor Doge. Ninguém mandou Thiago dar sua opinião pessoal durante a apresentação do trabalho. Agora acabamos de ouvir uma preleção de três minutos nem um pouco relacionada à matéria. Agora Miguel, sentado duas fileiras à minha frente, vai levantar a mão. Levantou.

– Professor, na minha opinião, o senhor não devia falar desse jeito. Parece que está com saudade.

*Starto!* Embora suas idéias sejam praticamente idênticas, Miguel e Doge têm de provar quem é o macho alfa.

– A sua opinião ainda tem que comer muito arroz com feijão antes de ser levada a sério.

A turma grita i-aiii. Quizumba!

– Desculpe, professor, mas se a opinião de um jovem vale tão pouco assim para o senhor, por que o senhor fez pedagogia?

E é assim que Miguel sobe nos tamancos. É assim que ele roda a baiana.

– Perdão? Quem foi que disse que fiz pedagogia?

Miguel empalidece. Doge continua, cruel.

– Talvez você não saiba, mas para ser professor basta ter um mestrado. Por acaso está me confundindo com uma normalista?

O i-aiii é bem mais alto dessa vez. A voz de Miguel se eleva mais firme do que nunca:

– E o senhor acha correto humilhar um aluno porque ele não sabe alguma coisa? É essa sua postura como educador?

Agora Doge gagueja. Os alunos olham para ele, vingados. Arrepios de constrangimento pelos dois – pela escola inteira – me percorrem. Preciso de um banho.

Ponho um maiô branco. Aqui todos usam os biquínis, e a palavra já é vulgar em si, tão i-i-i. Saí e comprei um maiô para senhoras, Catalina.

A ducha bate no chão, oscilando com o vento. Estóica, avanço um passo e deixo a água me percorrer – fria, gélida, i-i-i, quero gritar. Nada disso transporece.

O céu está nu. Uma torre de apartamentos simétricos. Os arcobotantes inúteis despontando à direita, no terraço novo ao lado da montanha.

Há dias de montanha e dias de torre. Hoje é torre.

Deitada sobre a pele da água, observo as unidades da torre. No 602, uma empregada ara a varanda com uma vassoura de pêlos; esta outra, uma janela abaixo e duas ao lado, alumia painéis entre as pernas. Um ramerrame de gonzo me puxa o olho para o 901: já já a criança decola da rede alucinada. A essas horas não há quem a apare no play; só as varandas escapam da claridade, rebatida pelos toldos para longe das cadeirinhas caídas de ferro, plástico, fórmica. Um avião deixa um risco branco no céu, sem turbilhão. Às vezes o barulho chega depois, às vezes não. Fecho os olhos e espero por ele.

O zelador retira os fones que estiveram pendurados no seu ouvido fazia tempo, deposita-os sobre a mesa onde

estava o jornal colorido dirigido às classes D e E, e deixa seu refúgio. De lá, pode ver a piscina que era incumbido de vigiar. São seis horas, o horizonte começa a avermelhar.

Com suas perninhas curtas, caminha até a borda funda da piscina e toca no braço da única banhista àquela hora. Ela bóia na linha d'água com seu maiô alvo. Ela sai da posição com uma pirueta e nada peito para alcançar a escada.

– Desculpe, seu Venâncio. Eu não queria atrapalhar a sua meditação.

– Que isso.

Acrescenta tímido:

– Eu tava só ouvindo música.

Quando o salva-vidas relapso aparece (ele nunca está), me encontra recostada na água, voltada para a torre, pensando que comecei a atarraxar nomes a sentimentos a partir dos seis anos. Antes disso eles tinham cores.

Penso que seria bom sentimentos terem números. Esses números não chegariam a dez.

O nome técnico é “estrela”. Minha cabeça, os dois braços e duas pernas seriam as cinco pontas. Mas faço de minhas pontas ponteiros e só marco meia-noite.

Você lê história e alguns livros e já sabe como fazer tudo certo. Não cair na lábia de canalhas com Anna Karenina, não emprestar nem tomar emprestado com Shakespeare, não ser totalitário com Orwell e assim por diante. Só que iluminismo não adianta se todos correm de volta pro escuro.

Você sabe as coisas sem ter, ao menos uma vez, pensando que sabia. Você não consegue nem começar a pensar em se entregar à doce burrice. Lucidez férrea é puro horror.

Você, fineza, começa a se vacinar com o próprio veneno. Tudo é moldado como uma grande piada. Você contraria totalmente as pessoas sem antagonizá-las. Elas te adoram, e você as controla com mãos indolentes. Como um *serial killer* de filme americano, você espera ser pego. Mas a polícia sempre está um passo atrás. Você começa a fazer indiretas mais diretas. O povo tristemente começa a ensaiar uma revolta, e você tristemente sabe como contornar a situação. Você considera a sério o errar de propósito – mas não existe a menor graça sem o risco cego. Então surge o desespero de tudo aquilo desperdiçado.

Risco “desespero”. Depois reconsidero.

Nunca o desespero: a tristeza da organização.

Estou andando no fundo do mar. Não há nem som nem luz.

Alguém senta à minha mesa. Muito em breve me será dirigida a palavra. Não estamos num restaurante a quilo do centro. Estamos numa cantina escolar. Estudantes não gostam de mesas. Muito menos da mesa que tem dono. Estudantes comem de pé. Ou no chão. Sentar à mesa dos outros, aqui, é perversão da prática original. Uma forma de convivência compulsória.

– Sobre o quê você tanto escreve?

– Que te interessa?

– Nada, só estava puxando conversa.

– Por quê?

– Você nunca fala.

– Não tenho muito assunto.

– Ah. Ou talvez você só esteja sendo grossa.

Levanto os olhos. É Miguel, o garoto-padrão. Ele lê algo de um papel.

– “Braços repousados sobre a carteira, plácida e bela, o braço na posição de Monalisa”.

Ele tem boa dicção. As palavras saem nítidas.

– Péssimo texto.

– Não é meu.

– Então?

– É do William. Ele está apaixonado por você faz dois meses. Ele não tem coragem de vir falar com você, então eu vim no lugar dele.

Olho para onde os olhos dele indicam: é o William. Magro, acento, espinha curva sobre uma mesa isolada da cantina.

– Ele não sabe que eu vim. Ele morre de medo que você descubra.

– Tá.

– Ele morre de medo de você.

Miguel espera. Há uma pergunta implícita, detecto; a processo e forneço a resposta.

– Bom, eu nunca dei motivo para ele pensar que eu estaria interessada.

– E o que tem a ver isso?

– Não sei de onde ele tirou isso.

– Nem eu. Você é uma tábua e, ainda por cima, se acha.

– Eu me acho?

– Ah, pelamordedeus. Você não vai admitir que se acha?

Faísco, energizando. Um ponto quente atrás dos olhos.

Oh não.

Miguel vê: um rosto perder o controle do fonema *v*, travando em bico.

É muito raro, mas acontece: às vezes me transformo em *mecha*.\* Devo resistir? Porque a cidade ficará em cinzas de novo. Mas... é tão... *bonito*. É... é... *ir...resistível*.

---

\* *Mecha*: robô de combate, geralmente gigante. Abreviatura da palavra inglesa “mechanics” (mecânico).

– Não vai?

O que destampou:

– Você pensa que entende tudo! de mulher, né?, porque perdeu a virgindade com doz... quantos? foi onz... DEZ? E depois teve, o quê? – dez, vinte meninas?

Tudo pergunta retórica. Mas Miguel estava ficando pálido.

– Quem que eu sou? VOCÊ sabe quem eu sou? Eu sei tudo que você é. Você não – não *percebe*?

Ela esfregou a cabeça forte e martelou carpos e ulnas na mesa plástica. A mesa estrebuchou com o impacto, as pernas abrindo. O papel onde estava escrevendo vincou, e ela aproveitou isso para estraçalhá-lo.

– “Eu me acho”! “Eu me ACHO”!

Deixou o arremedo maníaco perfurar bem o ouvido de Miguel, rematando com olho-no-olho dele.

– A coisa é que eu estava no meu canto quieta e vieram vocês me dizer que eu me achava. Eu devia me achar, mas *não* me achava. Eu era boa. Mas aí... eu era boa, mas eu era *tão* boa, que resolvi deixar todos vocês me odiarem. Comecei a me achar só pra vocês terem motivo.

Paro ofegante. Tenho as mãos apoiadas contra Miguel, quase nos ombros, muito, muito, muito perto do pescoço. E, antes da pergunta, a cabeça, que andava baixa e mole como a de um zumbi, subiu de novo como um caule depois da chuva:

– Você entendeu alguma coisa do que eu disse?

Miguel me devolve uma expressão inescrutável.

– Eu vou fazer o que eu puder pra te tirar da cabeça do William.

– Você tem meu total apoio! – semigrito, com a voz que não é a minha.

II.

– Por que esta cara? Não entendo essa cara que você faz!

Este senhor não é o meu professor de biologia, é o de outra turma. Ele dá a aula de reforço oferecida pelo próprio colégio. Está me passando um sermão cujo intuito todos, inclusive ele, estão sentindo dificuldade em determinar.

– Eu não presto atenção, professor?

– Você presta atenção! Não é isso! É que... Eu só queria saber por que a senhorita comparece à minha aula com esse olhar de tédio profundo, essa... essa nonchalance!

Parabéns, você acaba de usar “nonchalance” numa sala de aula, no ano 2000. Por minha causa.

Junto as mãos na frente do corpo...

– É que eu não gosto de biologia.

O professor está vermelho. Os alunos adoram biologia. Adoram o jeito como ele ensina drosófilas. Eu não especificamente.

– Então por quê? Por que se matriculou? – grita, a ponto de socar a mesa.

– Eu preciso passar no vestibular, professor.

Minha frase faz com que o professor saia do transe e se aperceba dos olhares inquisidores dos demais, intrigados por tanto interesse pelo meu real interesse. Alunos não se interessam verdadeiramente pela escola. Grande novidade. Seria ridículo e impróprio continuar. Gradualmente, ele retrai o corpo de sobre a mesa de mogno e volta a se sentar, exangue, antes de retomar o ponto.

Eu gosto de agosto.

Dezembro é um mês sem função. Não me causa qualquer espécie o *reset* do calendário: a translação se dá e se completa por mérito próprio. Uso calcinhas de coloração indiscriminada e aceito as passas com descaso.

Prefiro agosto, desfile legítimo de morangos e uvas. Vão parar numa tigela de louça, aos pedaços, para *fondue*. O frio tem que ser imaginado, não tem. O mesmo frio que tenho que esconjurar na piscina em setembro, quando sopra um alísio cortante. Dezembro são monções e comidas monstruosas. E então não tenho vontade de ir na piscina. Fico deitada no ar condicionado esperando janeiro e jorros brutais na minha cabeça ao sair da aula. Jogo Escadas & Escorregadores com um dado. Chego da escola, atiro a pasta contra o armário, giro o botão, desafogo o uniforme e resto.

Despi apenas uma meia, o que fazia sempre que estava com vontade de ficar doente. O clima andava perfeito, pedia sapatos fechados mas fazia meus pés suarem dentro das meias. Meus pés suam mas não fedem, é bom deixar claro. Dispensei as pantufas e sequei um pé ao vento. Enquanto preparava o almoço, dei meu primeiro espirro. Sorri.

Fiquei muito resfriada. Meus olhos incharam, minhas bordas ficaram vermelhas. Eu era uma ameba translúcida cor-de-rosa. Cheia de catarro. E feliz.

Assim fiz a primeira das provas do quarto bimestre. De geografia. Tive que pedir permissão para sentar ao sol.

Meu cabelo cresce muito rápido. Tapando a vista que eu tenho dos outros e, principalmente, a vista que os outros têm de mim. Porque a maioria, graças a Deus, não se preocupa em olhar duas vezes. E não sabida a minha cara, talvez eu conquiste um pouco de paz.

– Ai! Tá tudo bem com você? – diz a mulher do carona, baixando o vidro.

Acho que meu pé está quebrado. A dor é lancinante. Não respondo.

– Você viu que eu estava indo. Cê tinha que ter ido pra trás – diz a motorista.

Dou a volta no carro mancando e dirijo-me à motorista.

– Eu sou a pedestre. A preferência é minha. Você tem que parar.

– Ah, quer dizer que você se joga na frente do meu carro e agora fica – descontrola-se o arremedo de gente, obrigando-me a fazer o Robocop.

– A senhora devia ler o código de trânsito, porque evidentemente não o conhece. A culpa nunca é do pedestre, e sim do veículo mais pesado. No caso, a senhora.

Quando falo assim, os curiosos começam a cercar o carro, já começando a tomar meu partido.

– Ah! Você nem se machucou, senão não estava aqui dando sermão.

– Pelo contrário, minha senhora, meu pé está com uma dor lancinante. Dói a ponto de eu ter dificuldade de respirar. Dói a cada passo – que eu dou. É a segunda maior dor que senti na minha vida. Acho que meu pé está quebrado.

Digo isto piscando, processando minhas sensações uma-por-vez, emitindo cada frase como a constatação de um autômato, no entanto entrecortada de dor. Sinto um evidente prazer em colocar o errado em seu lugar. É uma bolha de ordem no meio do caos, eu sei, mas me alegra o coração assim mesmo. Os curiosos começam a se revoltar contra a senhora, agora calada e ruborizada. A carona toca em seu braço e propõe me levarem logo a um hospital.

Os olhares se arregalam sobre mim e minha nova bota ortopédica. Ignorando-os, dirijo-me ao meu lugar e sento. Cruzo as pernas. Novas unhas pintadas de preto espiam de sob o gesso. Uma fiscal se aproxima.

- Ei, você nunca fez pedicure, por que agora?
- Eu sempre fiz pedicure.
- Na piscina – você está sempre sem esmalte.
- Eu faço o pé. Só não pinto.
- E pintou agora por quê?
- De preto! – acrescenta outra.
- Agora, combina.
- Agora aparece, você quer dizer.

Assôo o nariz.

- Combina – repito.

Na fila da cantina, as pessoas mantêm dez centímetros da minha traseira. Essa bota deve ser mágica, nunca vi tanto respeito. E veja isso:

– Boca de caçapa hein manquinha – minha boca, entreaberta para que eu possa respirar, excita Mário Veloso, aparentemente de forma conjugada com meu andar deficiente. Minha cabeça tomba de novo, desolada. O resfriado pioraria antes de começar a passar. Eu espirraria e mancaria, e ainda pareceria melhor do que a maior parte das pessoas da escola.

Dia seguinte, mesma hora e lugar, um dedo lhe inseriu um bilhete suado na concha da mão. Soltava pelicos de papel e era escrito a lápis.

Compareceu. Foi ao encontro marcado.

- Eu te fiz um poema.

Esta porção de palavras era a que ela mais temia ouvir na vida. Quer dizer, temia com expectativa, porque era inevitável, alguma hora, alguém... eu-te-fiz-um-poema. Esse tipo de disparo. Mas será que ia ser ruim? Quão ruim?

- Por quê?
- Leia o poema que você vai saber.

Para quem ruim?

– Você tem certeza de que quer me mostrar isso?  
William prendeu a respiração. “Tenho”.

Me estrupa?  
me estrepa?  
me estripa?

Ok, não era parnasiano. Ok, não era péssimo.

Era engraçado. Ela começou a rir. Ele começou a rir. Como se ri das cabriolas de um gatinho. Ah, mas então era pra ser engraçado. É claro. Bom, que alívio, era melhor engraçado que rebuscado, mas mesmo assim ela não podia. Não, não dava. Você está pedindo algo impossível. *Samssin iú queim néver rév*. Que idéia, em outros tempos lhe cortavam a cabeça por isso, sabia? Era uma idéia simpática, “usar o humor para chegar na garota”, reconheço o esforço, mas é outra escala, está entendendo?

Vou mancando até as colunas da entrada do pré-escolar. Costumo passar os recreios só e explorando a propriedade do colégio por lugares onde possa ficar ainda mais. Portanto, tenho certeza absoluta de que os padres não podem nos encontrar ali. É o nicho do nicho.

O que aconteceu tinha acontecido por iniciativa minha, e da forma mais drástica possível. Raspei meus lábios nos dele na saída de um banheiro.

– Eu achei que você me odiasse. Você só não sabe ser simpática. Você é que nem eu.

– Não disse que não te odeio.

– Então você é mesmo como eu.

Uma das razões pelas quais não podemos desfilarmos pelo pátio se chama William. E tem os outros amigos dele, que

me considerariam um troféu conquistado e perderiam completamente o temor.

– Mas me diz por que você escreveu aquele poema pelo William, “Cyrano”.

Miguel sorri.

– Ele me implorou. Mas você viu que eu tentei te dar um escape ali...

– “Me dar um escape”.

Palavras não só não eram necessárias como claramente atrapalhavam.

– É, eu escrevi algo que você... não acabaria com ele, entendeu?

– Entendi.

– Mas também algo que não te deixasse constrangida. Eu tinha que proteger os dois. E ele me perguntando: “mas tem certeza? Entregou *isso aqui* pra ela?” E eu disse: “vai por mim. Ela não é estranha? Então”.

Ignorando os sinais de perigo, ele continuou:

– Sabe – você nem é tão magrela. Você parece que se esforça pra ser estranha. Se cortasse esse cabelo...

Fôssemos namorados, viu?, e eu daria agora duas palmadas de fantasia no seu braço, comprimindo um sorriso. Em vez disso eu disse o seguinte (possuída):

– Se você fosse macho mesmo, fazia um poema bom de verdade para ver se eu ficava com ele – as duas surpresas de Miguel quicavam dentro dele, visto que eu sublinhava minhas palavras com carícias do médio e do indicador no seu colo. Sentia meus olhos revirarem, meus braços flutuarem, como um oráculo do futuro do pretérito. – E vendo o poema realmente bom eu seria obrigada a ficar com ele. E você se escondia atrás da coluna, e batia fotos, e me chantageava, e eu era obrigada a te prestar favores sexuais, senão você as divulgava.

Juro que passou uma bola de feno igual a um fardoeste.  
Passou um anjo. Toda uma falange.

– O que você quer dizer com isso?

– Que essa relação não tem futuro.

Ele espirrou.

Nunca mais nos encontramos, nem no recreio nem  
alhures.

## **Sexo em Anegue (conto africano)**

Ana nunca limpa o quarto, muito menos o banheiro. O passado e o presente de sua vida amorosa são claramente legíveis na cerâmica branca (azulejomancia). Pequenos caracóis salpicados pelo chão, loiros e morenos, sinal da passagem dos homens; e longos fios loiros, vermelhos e azuis, das mulheres, embolados nos cantos. Os gatos ela não deixa passar da porta.

Fico pensando em como as mulheres são espertas em ficar com a limpeza da casa. Sempre descobrem *quem andou usando o chuveiro*, e nunca são descobertas.

Daí fico filósofa e começo a pensar em coisas.

Que o basquetebolista júnior já convive sem susto com as teias de aranha no alto dos armários da casa dos pais baixos, sabendo que não é adotado e sim herdou genes recessivos. Que, de manhã, a pessoa que abre o supermercado espanta dezenas de baratinhas francesas batendo com o pé no piso.

É idéia atrás de idéia. Até esqueço que estou no banheiro.

Que as dançarinas de dança do ventre conseguem mexer apenas o quadril porque usam os músculos da vagina. Claro, se não mexem os joelhos nem o tronco, de onde vem aquele impulso todo? Pois é, tem que vir de algum lugar. É física.

Que quando uma menina de saia é acompanhada por um menino de cabelos revoltos até o ponto de ônibus, no qual entra com um beijo e um tchau um pouco contidos

demais, recebendo uma olhada aguda do motorista, que logo identifica a razão do tremor de suas pernas depiladas e um pouco mais claras que a do garoto no ponto, eu sinto a mais límpida das invejas.

Alguém bate na porta, pensando que a demora é namoro pelado. Quando saio sozinha, pensam que estive cagando. Mas foi uma diarreia apenas mental.

Sapos. Sapos por toda a sala. Uns horrendos sapos de barro que a mãe da Ana traz do México ou da Venezuela. A mãe da Ana diz às outras mães que é *marchand*, mas não passa de uma camelô sofisticada (pronto, falei).

Além dos sapos, há as outras mães e filhas. E os gatos. A casa da Ana cheira a toxoplasmose. São seis gatos: quando resolvem correr, é um verdadeiro estouro. Já fui derrubada algumas vezes, quando era menor. Por que não prendem (ou soltam) eles no quintal?

Como a mãe da Ana faz aniversário por essa época, virou uma tradição a gente fazer a festa junina econômica na casa da Ana. Quando digo a gente, digo uma penca de mães do bairro, cada uma com seu quitute e prole esfomeada.

A contribuição de minha mãe está sobre a mesa, ainda embrulhada em papel-alumínio. Já até sei o que é. Maldita mania de fazer pão-surpresa.

– Corta bem pequenininho, só um pedacinho... beeeem fininho. Ai, assim, também não, né! Que miséria! Corta outro!

Muita criança. Eu e Ana somos as mais velhas e, por isso, nos damos o direito de nos trancar no quarto da mãe dela entre pratinhos de salgados e doces, com a janela aberta pra entrar ar fresco. Além do mais, a suíte da Ana foi confiscada pelas crianças.

– Nossa... que calor.

Nos enovelamos e sinto o suor gelado de Ana contra a minha pele. Ana é pecilotérmica. Flácida, porque perdeu peso, coisa que eu não consigo. Ela faz um cafuné por cima do meu cabelo ruim.

– Ana...

Como a vida de Ana é fantástica. Ela tem uma mãe legal, daquelas que ajudam a escolher a melhor tinta azul pro cabelo e não liga pra quem ela traz pra casa. Tudo na casa grita que ela é especial. Está sempre com a TV mais moderna, e os gatos, e cada bibelô esdrúxulo vem de uma parte do mundo diferente se você perguntar. Nem inveja ela atrai: todo mundo quer ficar perto dela. Ana tem estrela. Tem a minha idade, mas já apareceu no jornal numa matéria sobre designers, e isso sem ser filha de ninguém. Enquanto eu... encalhada, gorda e desempregada. É isso aí.

Não há o que dizer. Exalo um suspiro e, pra não ficar torta, como outro, sólido, do pratinho.

– Brigada pelo cafuné, Ana.

Aquele agradecimento tosco não era normal. Ana percebeu. Olhou na minha cara e viu.

– Você sabe que eu te adoro, né, Pituxa?

Ana me chama de Pituxa. Deve ser porque Iasmine não dá bons apelidos. Mas nem Ana.

– Ai, Ana... – levanto de repente. – Minha vida tá uma merda.

Choro. Ana também sabe consolar muito bem, quando se importa. Ela é muito objetiva.

– Por quê, Iasmine?

Ela não tem o menor constrangimento em saber que a vida dela é melhor que a de, provavelmente, todo mundo que ela vier a consolar. Ela simplesmente não se baseia nisso. De repente nem pensa nisso.

– Você tá pensando em quê?  
– Você sabe... – giro as pupilas para cima – ...tudo.  
Meu cabelo é ruim, eu não consigo trabalhar – eu não *sei* trabalhar. Nem namorar.  
– Você precisa relaxar. É a primeira coisa.  
Ela é muito boa mesmo. Fala apenas o necessário.  
– Como você faz?  
É uma pergunta muito cruel de se fazer. Mas Ana responde. Responde com cafuné.  
– Ah... faço uma coisa de cada vez.  
– Eu queria ser só um pouquinho mais burra. Porque aí eu não ia nem perceber que era burra, sabe?  
– Você não é burra.  
Se ela está falando é porque ela realmente acredita nisso. Mas não sei se eu acredito. De repente *ela* é burra. Meu Deus, Ana burra. Será?

Ontem, um dos gatos de Ana resolveu dormir no meu pé: o mais gordo de todos, o Júpiter. Estava muito sonada para expulsar ele dali. Preferi adormecer usando ele de almofada. E dormi o resto da noite e um pedaço do dia.

Sonhei que eu tinha um filho e meus seios estavam maiores. Eu ia amamentá-lo e minha mãe alertava que ela quase não tivera leite para mim. Mas meu bebê se refestelou na quantidade de leite que *eu* possuía. Encantada, senti despertar um instinto maternal, um carinho melado, que nunca senti em toda a minha vida.

Quando acordei, senti um friozinho gostoso nos dedos dos pés; alisei um dedão com o outro e, estranhando a pastosidade, dei um pulo e abri os olhos. O gato não estava mais lá, mas tinha deixado lembranças.

– O Júpiter tá velhinho, Pituxa... – disse Ana, achando graça e me dando uma toalha.

Entrei. Me tranquei no banheiro. Escorri pela porta. Não havia ninguém na minha casa agora. Ninguém além de mim.

Depois de almoçar com a Ana, voltei pra casa e, como estavam lavando a portaria, subi pela entrada de serviço e ouvi isso:

– A menina é xucra, xucra. Só lava o cabelo quando tá cheio do óleo. Já peguei ela coçando a cabeça com um ferro? E a roupa? Tudo amassado. Parece que não enxerga o cesto de roupa suja. Joga em qualquer canto e depois senta em cima; quem tem que passar é a otária aqui. Parece um moleque.

– Mas pior que o Dudu, não é.

– Pior que o Dudu, Santinha... pior que o Dudu. Porque essa é lesa de ruim.

Minha empregada ganhou a partida. As outras riam e batiam palma. Ela só ganhou por minha causa. Porque eu era xucra e lesada recorde.

Corri para poder chorar em paz. Elas não viram que eu vi. Mesmo assim era difícil não ligar para aquela opinião. De repente me coloquei no lugar dela, ou seja, fora. De repente me via como a Lina me via: escanchada, às cinco da tarde, as pernas abertas de suporte para comer vendo Chaves, os dedos imersos no petisco da cuia engordurada, lambiscando o açúcar misturado à poeira do tapete, os cabelos se bifurcando e engruvinhando: desgovernada!

Comecei a chorar, chorar que chorar. As lágrimas se encontravam embaixo do queixo e o ranho corria para a boca.

Me perguntei por que ninguém gostava de mim. E por que eu tentava, tentava, mas não conseguia gostar de mim. Pensei no meu último emprego. O chefe me chamando. “Dá uma olhada no *e-mail* do lançamento que

você mandou.” Era o convite da noite de lançamento da revista católica. Não identificava nada de errado e fiquei olhando para ele confusa. Ele facilitou pra mim: selecionou a última frase do e-mail.

*Sexo em anegue material de divulgação.*

Eu queria mesmo era poder entrar em outra pessoa e espiar o que elas estão sentindo sobre elas mesmas. Porque aqui dentro eu já sei como é; e também já consigo sair e me ver como elas me vêem. Mas queria saber como elas se vêem, de verdade, por dentro. Saber se elas também se sentem tão mal assim quando pensam em si mesmas e, se sim, como conseguem disfarçar e levantar a cada dia e ir trabalhar, ou estudar, ou pelo menos andar pela rua sem que ninguém pense: lá vai a coisa toda errada. Assim pelo menos eu não me sentiria sozinha.

Depois disso, entrei num estupor.

Nessa noite eu sonhei que estava me olhando no espelho e havia algo de tremendamente errado e isso seria *eu estar vendo minhas duas pálpebras!* O terror foi tal que minhas pernas chutaram num tranco que me deixou semiconsciente. A primeira coisa (real) que pude notar foi minha nuca, quente de adrenalina.

Nisso, dormitei de novo e revi um retalho do sonho. Porca miséria! Desta vez, usei a adrenalina de combustível para chutar em combo até estar totalmente acordada.

– Que luta é essa, Iasmine? O edredom te atacou?  
– entra mamãe no quarto.

– Sim, sim! – respondo a esmo, ofegante, desabando sobre o edredom após o embate.

– Você está vermelha. Será febre?

Põe a mão na minha testa, eu disse testa.

– Sonhou com quê? – pergunta a mãe, desconfiada.

– Sei lá... não lembro – despisto.

Vai ver seria bom tentar arrumar um emprego. Depois que terminei a faculdade procurei um ano inteiro, e depois... Ficar em casa sem fazer nada estava me fazendo mal. Além do mais, o dinheiro não seria mal-vindo. Minha mãe passava a mão pela minha cabeça, mas sempre que meu pai estava em casa dava um jeito de me chamar de come-dorme. Nem posso dizer que é mentira.

A verdade é que estou gorda. E espiritualmente relapsa. É que nem naquela música: *atenção, só as preparadas*. E eu não estava preparada.

Fui me preparar.

O otorrinolaringologista enfiou o canudo de metal em meu ouvido e disse:

– Que canal maravilhoso.

– Ora, Dr. Hilton...

Os médicos otorrinos têm essa propriedade de elogiarem o canal auricular, não faça caso. Não poderiam ser ginecologistas. Pegaria mal.

Passo para o outro consultório. Esse não tem fila.

– Doutor, estou com varizes.

– Deite aqui, fazendo o favor.

Os angiologistas, como só vêm anciãs o dia todo, mal se agüentam quando vêm uma pré-balzaquiana entrar no consultório. Apalpam suas pernas com um vigor profissional idêntico ao das pernas idosas, só que desfrutando da coisa.

– É um tratamento simples. Basta uma banda elástica, que você encontra em qualquer farmácia. Quer deixar marcado?

– Depois eu marco.

Na sala de espera do ginecologista, na falta de material melhor, comecei a folhear um tal “Manual sincero da procriação”, de Bhirnna O’Cohen.

*Dizem que a responsabilidade de se ter filhos é contrabalançada pelas “coisas gostosas”, como, digamos, “poder ser criança de novo”. Será que é por isso que se vêem tantas futuras mães alisando a pança com cara de virgem abençoada em ônibus lotado? Caso seja, um esclarecimento se faz necessário.*

*Ora, “poder ser criança de novo” só dura uns dois anos; a partir dos três já é possível detectar um certo desdém na expressão do seu filho se você se comportar como um coleguinha de brincadeiras e não como alguém mais esperto que ele que, por pura benevolência (ou algum interesse escuso), decide entreter-se ensinando-lhe as coisas da vida. Assim se complementarão até a puberdade, quando hão de se tornar inimigos jurados.*

Pulei algumas páginas.

*Outro fato digno de nota, tanto quanto incontestável, é que as indumentárias inocentes nem sempre são inocentes. É preciso perceber o padrão. Sua filha repeliu esta indumentária aos cinco e começou a usá-la aos 13 anos? Está querendo muito dar. Se ela nunca repeliu marias-chiquinhas e jardineiras, e as usa direto até os 13 anos: medo de crescer. Se ela sempre detestou estas coisas e começa a usá-las aos 18 anos: crise existencial. Se começa a usá-las aos 25: gravidez.*

No final do capítulo:

*Enfim, a desconfiança deve existir nas relações familiares; deve integrar uma prática de indução e dedução detetivesca,*

*corroborada pelo saudável estado de exceção implícito a todo foro familiar e, especialmente, o conhecimento que um pai tem de si e da sua prole.*

Finalmente chegou a minha vez. Não demorei muito lá dentro. O ginecologista me encaminhou a um endocrinologista.

– Estou com um problema. Eu me olho no espelho e não me acho gorda. Onde estão os cinco quilos a mais que minha balança acusa?

O endocrinologista mandou eu estender os braços no meio do consultório e beliscou minha barriga com um alicate gigante.

– Você tem 27% de gordura corporal.

– E agora?

– Caga na mão e joga fora. Não, brincadeira.

Ele me receita um regime. Então remexe no fundo da gaveta e apanha um prospecto. Depois de algum lero-lero, entendo que quer que eu faça RPG.

A Reeducação Postural Global é numa clínica que parece uma seita oriental, exceto pela profusão de velhinhos enfileirados segurando seus cartões de plano de saúde e recepcionistas preenchendo quadradinhos em velocidade atômica. A sacerdotisa – não, ela não pode ser doutora – me indica a sala e começamos a inspirar e soltar a barriga. Me dá um tédio massacrante e um pouco de vontade de peidar. Logo que saio, ando até o bebedouro e colho uma água desentendidamente. Sobre o bebedouro, tem um papel. Me pergunto se estou desesperada o suficiente para ir a uma reunião. Estou.

Anoto o endereço e o horário.

Tudo isso estava acontecendo por culpa minha, de mais ninguém. Porque eu me valorizo, como ensinou mãe. Sou uma jóia, um prêmio. O Troféu Iasmine de Perseverança Masculina. Só que o Troféu Iasmine está pegando poeira. O troféu está precisando de uma boa polida.

Sabe o que descobri? O mérito é demodê. Tem mais: querer dar prêmios por mérito é demodê.

Quem é essa garota saindo do metrô com uma sacola de laboratório e outra de sapataria? Uma desesperada com sandálias roxas novas.

Pelo menos, agora eu caminhava sentindo os músculos protuberantes pressionando o short. Forte e saudável. Largas passadas. Há muito tempo que não andava assim, sentindo o vento no rosto. Eu vinha andando idosamente.

Chego na reunião e levanto a blusa. Todos me aplaudem. Ainda não tenho morrinhos como a maioria, mas já me tornei uma indiscutível planície. O instrutor estende os dedos e toca em minha barriga, que não cede nem um pouco.

Depois dos testemunhos, confraternizamos em dupla. Então a aula. Hoje é aeroboxe. Bebemos reidratante e começamos as nossas séries individuais. Confraternizamos em dupla novamente. Durante a confraternização, eu estalo. Minha dupla se excita com o fato. *Viu, viu, alongamento é o mais importante, eu sempre digo.* Então acaba.

Entro em um supermercado e escolho um sabor de reidratante quando, cruzando a seção dos salgadinhos, a visão de uma barriga descoberta me atordoa. Uma barriga cinco-dez quilos acima do peso pelas regras da irmandade. Todos aqueles parêntesis à volta do umbigo, uh, é tão incrivelmente sexy. Indecoroso, até. O monte se retira, indignado, alvo aborrecido de minhas atenções fixas embas-

bacadas. Desvio o olhar, reverente. Volto. Sinto o impulso de falar com ele, pedir-lhe que não se aborreça. Para não fazer como eu, não perder peso, deixar florescer a gordura em seu ventre e jamais cobri-la. Hipotetizo ainda: eu sou plástico, atire-me ao fogo e eu me distorço em ardente elogio à sua brava perfeição estética. E ainda: prostro-me a seus pés pela tremenda deferência de descobrir sua roliça e branquela barriga a esta indigna mirada.

Varo a porta do supermercado e corro para a rua paralela, vento nos cabelos. Vou voltar a comer bala de coco.

## **Tão bonito que dói**

Estava frio – eu não podia prescindir do casaco. Eu sempre preferia a garganta rouca do dia seguinte, mas estava frio de verdade. Geralmente eu metia as moedas para o ônibus na meia, as notas dobradas em quatro nos bolsos da calça com a identidade. Desta vez, já que estava fazendo diferente, fiz tudo diferente: a calça não tinha bolsos e resolvi levar o cartão no bolso do casaco, juntamente com um trio de cigarros e o isqueiro. Saí.

No sinal antes do metrô, um garoto de uns cinco anos tem sua cabeça violentamente esfregada pela mão de um velho; a mãe sorri, feliz pelo reconhecimento do seu pimpolho.

A grande verdade é que as pessoas vêem as crianças como um nada. Um nada você pode tratar de qualquer jeito. Depois, elas crescem mais um pouco e viram adolescentes, que é ainda pior: um nada que quer ser gente. Vai ver, também, uma ameaça. Como pode não existir habilitação para procriar?

Quando fiz 18 anos, fui pouco a pouco deixando de sair à noite. Agora, com a faculdade quase terminando, de repente me subia uma fúria nômade. A cidade quente e úmida me dando mole pra depois me arrastar pela sarjeta. Coisa de seis noites seguidas.

É péssimo. Nunca gastei tanto dinheiro. Sorte que minha irmã festiva toma minhas dores, me encobre os

rombos, me indica os lugares. Só não me acorda de manhã porque não mora comigo.

Sérgio me ligou, acabei encontrando com ele. A festa que ele tinha escolhido era num lugar improvisado, na Lapa. Os putos não tinham nem uma chapelaria. Estava “nos planos deles”. Amarrei o casaco na cintura como uma menina de 14 anos e circulei.

O DJ estava enrolando para ver se chegava mais gente. Seus barulhinhos azucrinantes e repetitivos me davam vontade de sentar num dos cantos da pista e afundar a cabeça no meio das pernas. Foi exatamente o que eu fiz.

Ao fim de um *drum'n'bass* puro, o grave dominando há seis, sete minutos, Sérgio sai da pista e senta do meu lado.

– Eu costumo sacar bem as pessoas, mas essas festas me confundem. Por que às vezes a menina vem, roça a bunda em você, te olha no olho e depois, quando você chega nela, diz que não quer nada com você?

– Você está partindo de um pressuposto engraçado – respondo. – Você pensa que todo mundo sabe o que quer, inclusive você. Elas decidem na hora.

– Então eu queria saber o que faz elas não quererem nada comigo.

– Ah, isso aí...

Só Deus sabe. Não adianta pirar com um detalhe desses (conselho de especialista). O Sérgio tem dois braços, duas pernas, e um pouco de dinheiro. Ele *vai* sair daqui com uma mulher, nem que seja uma raimundinha. Antes de entrar na paranóia, era preciso avaliar o dano (outro conselho de especialista). Aí você pode entrar na paranóia de braços abertos (aí já sou eu completando).

Senti que não ia passar muito mais tempo ali. Era melhor visitar a pista de dança. Fazer o que vim fazer.

– *Eii*, você me queimou com o cigarro! – disse a burri-  
nha, depois que seu primeiro aiiii tentou, sem sucesso, mu-  
dar minha expressão.

Ainda não é muito tarde, mas ela parece achar que es-  
tou completamente chapado.

Fui até a saída, entreguei para a mulher o cartão e me fui.

Saí pensando que esperava mais da noite. O plano  
era me compensar com antecedência por um compromi-  
so extremamente chato no dia seguinte, até porque o tal  
compromisso era ditado pela mesma pessoa que alimenta-  
va aquele cartão. Mas o plano falhou miseravelmente.

O elevador passa por mim subindo. O elevador é pro-  
gramado para levar as pessoas ao apartamento e para fora  
do prédio eficientemente. Não prevê a eventualidade de  
um vizinho querer visitar o outro.

Portanto, subir até o apartamento da minha irmã de-  
mora. Leva tempo. Primeiro tenho que descer. Junto com  
uma coroa e seu poodle branco. No meio do caminho,  
sem qualquer provocação, o poodle late. Late alto e ge-  
mido. Como não posso dar um bico, dou um tranco para  
longe dele. O viado late de novo.

– É um cachorro – diz a mulher, como se eu já não  
tivesse visto.

– Eu sei.

– Você não gosta de cachorro? (“seu desalmado.”)

– Ele é que não gosta de mim.

A mulher acha gozadíssimo e desata a rir alto, saindo  
com o lulu no colo.

O pior é que eu tenho cachorro.

Minha irmã casou com esse Roderick aos 21 anos, em  
1997. Roderick era escocês e o casamento foi aqui. Eu era

bem novo, mas o rosto horrorizado das madrinhas bretãs durante o rito tribal/dança do Tchan ficou gravado na minha cabeça. Um dia, enquanto minha irmã tomava um banho quente, Roderick encontrou um *e-mail* em português de “Flávio” e, desconfiado, postou-o num fórum de tradução onde uma portuguesa o atendeu prontamente:

>Olá, Cristina (Hello, Cristina)

>O que foi o dia de hoje? Não sei. Sei que tenho medo de nunca voltarmos a nos ver. Acho que estou apaixonado. (What did this day mean? I don't know. All I know is that I'm afraid we won't see each other again. I may well be in love.)

>Mulher como você não se faz mais hoje em dia. Seus beijos me deixam maluco, parece aqueles beijos da pré-adolescência. Sem falar no teu corpo... marquinhas bem-mapeadas, covinhas desenhadas... (They don't make women like you anymore. Your kisses make me mad, looks like grade school kissing. Not to mention your body, your well-known signs, your marked dimples.)

>Amanhã, quando aqui forem umas 6 da tarde, vou estar chegando no Brasil. Meu telefone é (11)xxxx-xxxx. Vou gostar se você me ligar. Meu email, você tem. (Tomorrow, at 6 PM UK time, I'll be arriving in Brazil. My phone number is (11)xxxx-xxxx. I'll be happy if you call me. You've got my email address.)

>Beijo grande nessa tua boca, (Big kiss in your lips,)

>Flávio. (Flávio)

Ele imprimiu e levou pro juiz.

No momento, minha irmã está bundeando pelo apartamento comendo morangos com creme. Minha irmã é patética. OK, ela trabalha; é a única de nós que trabalha; além de administrar nossa concessionária, tem uma produtora de eventos, que é o que ela gosta de fazer, e ainda assim tem tempo para ir ao cinema no meio da tarde. Ela me dá mesada e ao meu irmão também; pagou um ano do psicólogo que tive que ver faz um tempo; está pagando a

minha faculdade, que eu não passei para a pública. Ainda assim, digo de peito aberto: ela é ridícula. É um catálogo da vida mais idiota que alguém pode levar. Casar com estrangeiro e ser pega traindo ele com um brasileiro é só uma pequena amostra.

Meu irmão está quase terminando a faculdade dele, pública, de cinema, mas está longe de conseguir emprego. Acho que quando ele se formar vai ser um peso morto. Já eu ganho dinheiro desde o ensino médio com a internet. Minha irmã achava que estava comprando um computador normal quando comprou meu servidor. E estou fazendo administração, o que significa que vou acabar administrando a porra da concessionária.

Meu pai era meio idiota, rígido demais. Você contava uma piada e ele não ria. Minha mãe era um pouco atrapalhada, mas amável.

Lembro quando eu tinha onze anos e o Marcos parou de andar comigo porque eu não quis atropelar um gato com a bicicleta – “eu seguro e você passa”. Ele disse que aquilo era coisa de baitola, o gato nem ia morrer.

E esse maldito nome, *Clóvis*. Fui até no cartório tentar mudar, não deixaram. Nome afrescalhado. Quer dizer *bate-bola*. A idiota da professora de português me dedou logo no início do ano achando que estava sendo *instrutiva*. Não deu outra, começaram a me chamar de *Clô*, *Babola*, essas coisas. Depois resumiram até mais: quem quisesse levar porrada era só fazer um *sluurrrrp* perto do meu ouvido. Apelidos bem tronchos, por sinal, mas... ah, eu odiei muito a quinta série.

A única coisa boa dessa época foram as horas que eu passei tentando desenhar quadrinhos – eu tinha as canetas e papéis certos, tudo da Casa Cruz, devo ter até hoje. Eu

era bom no futebol, mas isso só trazia glória, não amigos. Se eu quisesse um amigo, teria que especular publicamente o que faria com a professora na eventualidade de poder comê-la e participar das porradas de fundo de classe. E teria que não me chamar Clóvis. Ou não ter uma professora que não sabe o que é a quinta série.

A primeira pessoa pra quem eu corri foi meu irmão. Ele era legal comigo, mas andava numa fase em que só queria saber de ficar doido, e me expulsou do quarto. Algumas vezes.

O conselho que meu pai me deu foi: “Entre o raça-ruim e o cabeça-oca, fique com o cabeça-oca”. Um bom conselho, mas inútil para uma criança. Eu não precisava dizer não às drogas, só de alguém pra ocupar o outro joystick.

Aí minha mãe, que tinha ouvido por alto a história, sugeriu que eu passasse mais tempo na escola. Segundo ela, no começo do dia era mais fácil de “travar amizades”. “Chegue cedo”, disse ela. “Dez minutos fazem toda a diferença.”

Eu nunca conseguia acordar mais cedo. Desde pequeno eu sempre demorei muito para dormir e mais ainda para acordar. Não é surpresa nenhuma eu ter me viciado em internet. Naquela época, mal dava para atravessar o portão dentro dos dez minutos de tolerância, o walkman estourando na cabeça e a mochila nas costas. Entrava na sala com a aula já começando, junto ou até depois do professor.

Um dia me atrasei ainda mais do que de costume. Déu não tinha passado o uniforme na noite anterior por algum motivo. Engoli o nescau e anunciei:

“São dez pras sete, mãe. Vou no segundo tempo.”

“Claro que não, Clóvis. Pega essa torrada e se manda que dá tempo.”

“Não, não vou mais. Já tô muito atrasado”, eu disse.

“Ainda dá tempo!”, disse ela, apontando para o relógio da cozinha, que indicava um horário bem mais viável que o do meu pulso.

“Esse relógio tá errado”.

Foi aí que me toquei. Ela tinha ajustado meus relógios para quinze minutos mais cedo. O do pulso e o do quarto.

Eu não sabia se a abraçava ou se ficava puto. Então continuei passando manteiga no pão, olhando pro pão.

Eles morreram num assalto logo depois de casarem a Cristina. Sabe, nem todo mundo vira o Batman.

São seis horas da tarde de um sábado. Estou no meio de uma festa sobre a Lagoa, na cobertura de uma família amiga da nossa. É uma família famosa, de esquerda. A filha do casal anfitrião, Larissa, tem a minha idade. Foi por isso que Cristina me trouxe: como que para brincar com ela. Larissa ficou um pouco, tivemos uma conversa, depois desceu porque ia sair com o namorado.

Não sei se circulo ou fico parado. Queria ir para a varanda, mas está cheia. Minha irmã mistura-se bem a uma rodinha de profissionais liberais um pouco mais velhos, perto da estante, fora o tempo dedicado a puxar o saco da anfitriã. Não quero ficar perto dela. Não quero nem estar aqui. Dá para sentir a estagnação no ambiente. Dezenas de explanadores de meia-idade, vampirizando doses e doses do mais puro escocês, cortejam as ninfetas (de trinta anos). Suas esposas, cornas contumazes, fazem vista grossa e levantam tópicos que as façam parecer inteligentes e atualizadas (mas não pretensiosas; isso é prerrogativa dos maridões). Há crianças também, correndo pelo meio das pernas dos adultos, as mais velhas já de batom e bolsinha que não largam por nada desse mundo. Fôssemos mais

novos, eu e Larissa, estaríamos entre elas. Ou em algum armário, brincando de seqüestro.

O bar tem sido minha única constância nessa festa. Beber por tédio, especialmente aqui, é o tipo de coisa que não pode dar certo, já que em algum momento antes do coma alcoólico você sempre acha uma boa idéia ser sincero com todo mundo. Entrementes, Larissa deixava a casa para mais uma noite cheia de som e luz, um tour de área VIP em área VIP. Se estivessem de moto hoje, em algum ponto a idiota tiraria o capacete e poria os cabelos de comercial para voar. Soube de uma garota dessas que prendeu a cabeleira na roda de trás e ficou sem escalpo; cheirava a lenda urbana, mas quem sabe. Fora as pessoas decapitadas na hora por caírem embaixo da própria moto sem o capacete, aí já se tratava de um fato.

Vou até a cozinha, belisco dois canapés-barco vazios de uma bandeja e bebo um copo d'água. Glicosado e hidratado. Falta um médico na nossa família. O namorado de Larissa, se não me engano, estuda medicina. É melhor sair pelos fundos.

Saio, vou descendo a ladeira, outra vez fantasio com o LARISSA E LINDA rabiscado no cimento para depois me lembrar (outra vez) que só não tinham posto o acento no E. A linha do horizonte está rosa-iluminador. Fazendo o trajeto sem pressa, mãos no bolso, posso finalmente levantar os olhos da calçada e apreciar a vista como se deve. É uma beleza doída. Quando chego no pé da ladeira vejo a Árvore de Natal trocando as luzes, toda colorida; me sinto bem, longe da muvuca, do povaréu alucinado disputando lugar na muretinha. Do terreno alto dá para ver bem melhor. Não é que eles não saibam: desdenham. Bom pra eles é ficar o mais perto possível, envesgar de nariz na tv. Paro

junto à placa da esquina e fico olhando – mais o céu do que a Árvore. Podia sentar ali, mas não sento, percorro os poucos metros até o ponto de ônibus e pego o 157.

Mais tarde esbarro com Cristina na cozinha, fazendo inventário da minha despensa. Decido ignorá-la e prosseguir com o plano inicial, passar atum gelado num pedaço de pão de fôrma. Ela decide ignorar o fato de que eu a estou ignorando. Ela não escolheu o momento cesta básica à toa.

– Você simplesmente sai porta afora, não me avisa, não se despede de ninguém. Que idéia é essa? A cara que eu fiquei.

Que me importa ficar malvisto na panela da Cristina? Não gosto daquelas pessoas, não tenho por que papariçá-las. Isso está estampado na minha cara. E ela lê. Pela minha falta de remorso, sou tachado de:

– Imaturo – e antes de me deixar em paz, acrescenta lá de dentro. – Parece que tem dez anos de idade.

Não sou criança. Crianças não conhecem a extensão de seus atos; eu conheço as conseqüências de todas as merdas que eu faço. E aceito, quando vêm. Mas, mana, você não sabe? Elas nunca vêm.

Sair com amigos não é muito a minha.

Meto o cartão no caixa automático. Tiro cinqüenta reais.

Caminho cem metros e encontro as pessoas no bar. Somos eu, André, Jura, Cal, alguns agregados.

André estende o celular como se quisesse enxergar melhor a tela. Jaqueline, minha amiga de infância, lhe interessa.

Ele faz coleção de carinhas femininas no seu computador. Sempre que ele gosta de alguém, ergue o celular e bate uma imperceptível chapa, que será adicionada à pasta Mulheres dentro de Planilhas / Antigas. A gaveta de meias

dele. Não sei se com isso ele quer saber mais sobre as mulheres ou sobre ele mesmo.

Estou no terceiro cigarro da noite e ainda não vi ninguém que preste. Circulo, dou uma volta pelo primeiro andar, acabo pedindo alguma coisa do bar.

Há uma menina maquiada como uma boneca e metida em uma blusa cheia de babadinhos, toda branquela e acompanhada. A biba amiga dela saltita até o DJ que resmungo ao ouvir o pedido por Kraftwerk: *vou ver*.

Algum rock depois, o DJ aquiesce a tocar *The model* modificada, com uma base de guitarra emprestada do Garbage. É o tom. Me aproximo do braço da lolita gótica com o cigarro aceso. Fsst. As células se degeneram sob a brasa. Logo se formará uma bolha. Não, esperem: ela percebeu; esfregou. Assim fica marca.

Ela olha pro braço e olha pra mim. Olha pro braço. Pra mim.

– Porra, toma cuidado!

Só isso. Os olhos assassinos demoram um pouco para desgrudarem de mim; vejo que ela captou o propósito – eu parado na frente dela, não com cara de desculpas, não submisso e bêbado, mas sóbrio, sonso e segurando o cigarro no mesmo lugar do contato incendiário –, só que não quer se perder nessa. Prefere sua vidinha de simulacro. Mas está marcada.

Volto para onde estão as pessoas. A roda mudou, sempre muda. Entro na conversa. Cal ficando com a Rita, que terminou com o Sérgio há pouco tempo. Detesto essas surpresas. Você está numa roda e, no meio de uma história, vira pra perguntar *não é?* pra outra metade e – um está lambendo a cara do outro. Isso é sacanagem.

Além disso, isso queria dizer que Lala estava sozinha comigo. Justo a garota de quem espiei a xibica. Não tenho

nenhuma evidência disso, mas tenho certeza que ela se lembra. E lembra mais agora, depois de presenciar o exercício mandibular do Cal.

A gente tinha estudado junto em um colégio sem nome de santo, experimento em dois andares de uma corrente de ensino exótica qualquer. Tudo era muito apertado, até para crianças de oito anos. Depois da natação, meninos e meninas mudavam de roupa na sala de aula, sob a supervisão de tia Francine. Isso era permitido só até a segunda série.

Foi em setembro daquele ano letivo que comecei a ficar mordido por uma sensação intensa. O que estávamos fazendo era *indecente*. Não sabia explicar por quê, mas é que as pessoas andavam vestidas, e estarmos ali seminus, calçando meias com o inimigo... me deixava *intranquilo*. Me vestia rápido e me sentava com os joelhos duros, olhando para a frente e tentando esvaziar a mente como num exercício zen.

A reviravolta foi, com o passar das aulas, eu ir perdendo o medo de ser espiado e passar a querer espiar; foi isso. Como os adultos deixavam, se eu visse algo que não devia a responsabilidade era deles. Não tinha culpa se os adultos eram burros. Eu era precoce e queria ver uma perereca.

Tomei a decisão. Já era a penúltima aula do ano; ou era agora ou, bem, na próxima. Seguindo meu plano, terminei de vestir a roupa propriamente dita em alguns milissegundos. Sentei de lado na carteira plástica e levei dois minutos para enrugurar a meia esquerda, só deliberando. Escolhi minha vítima: Lala, pela sua timidez, proximidade e, tá, beleza no contexto dos oito anos. A timidez era importante: Lala nunca contaria para a professora. Posicionei a meia sobre o dedão e comecei a descê-la. Sentado, era mais

fácil de ver alguma coisa. Só que, conforme pude apurar, uma perereca era muito difícil de se ver. Por mais que eu tentasse, sempre dissimulando, a barra da descomunal blusa do colégio continuava bloqueando o que eu tanto queria ver. Terminei de enfiar a primeira meia e me abaixei para pegar a outra; lá de baixo, dei uma espiada sonsa para cima.

E Lala percebeu. Segurava um arco com as duas mãos, prestes a afundá-lo na cabeça, quando, em vez de subi-lo, começou a descê-lo devagar. O arco desceu, desceu (cada vez mais rápido) e só parou à frente do meu alvo, como um portal vermelho. Lala paralisada só se mexeria quando eu parasse de encarar – e eu baralhei os olhos, fingi que na verdade estava querendo era olhar pela janela, ver como ia o tempo, se não ia chover, você está me atrapalhando menina, mas era inegável o meu delito, eu estava rubro como... como aquele arco. Lala não reagia, comecei até a ficar preocupado, mas estava mais preocupado era com a minha falta de noção em ter achado que ela não ia perceber se eu disfarçasse, imagina, é claro que qualquer um perceberia uma coisa daquelas. Quando dei por mim a aula já tinha acabado, Lala já tinha ido e só restavam eu e algumas meninas que sempre demoravam mais para se arrumar – patricinhas em estágio larval.

Hoje, Lala era nada menos que um mulherão. Se, naquela época, não conseguia nem alguém para pular elástico com ela no recreio (o equivalente feminino a ficar de fora do futebol) e acabava lanchando vagarosamente seu sanduíche de atum numa das mesas da cantina, hoje vivia cercada de gente, na maior parte homens; o contingente feminino dividia-se entre amigas apaixonadas e amigas que sobreviviam das suas migalhas, as Lalázaras. O ápice

disso foi pouco antes do vestibular: às vezes as apaixonadas ganhavam bitocas de Lala, para mortificação dos pretendentes orbitantes; as borralheiras aproveitavam esses momentos para solidarizar com os pretendentes preteridos e ordenhar sua cota; Lala selecionava um dos caras e talvez trocasse com ele e uma apaixonada um beijo triplo a ser devidamente postado em seu fotolog mais tarde – logo sobriariam apenas ele e Lala para um relacionamento de uma semana, o tempo da foto ser empurrada para fora das mais recentes – e o ciclo recomeçaria.

Relacionamentos são como cachorros. São como o pequeno Trollop.

Você pensa que comprando um cachorrinho vai ter companhia. Não que ele vá ser um filhote neurótico que passa o dia inteiro latindo. Você fecha ele na varanda para assistir televisão em paz e ele late para o nada. Os vizinhos te prensam na portaria demandando adestrador ou sacrifício: tanto faz, faça alguma coisa. Depois de castrado, ele vai perdendo a gana e latindo apenas algumas horas por dia, mas depois de anos de condicionamento, isso já basta pra te irritar.

Tinha ouvido Trollop em algum lugar e escolhi esse nome pra ele porque era bom chamar “vem Trollop”. Depois soube pela Cristina que *trollop* quer dizer puta em inglês.

Quando você genuinamente quer ficar sozinho pra pensar, como agora, não dá outra: vem um atrás. Mas isso é novidade: Lala fingir que está com sono e enterrar a cabeça no meu braço. E olha que está tocando The Twelves. Olhares masculinos faíscam de ódio a cada piscada do estrobo, posso sentir.

Meu zelador tem suas bundacam e peitocam recreativas – instaladas estrategicamente para a mulher que en-

trar no elevador não poder esconder a bunda sem mostrar o decote nem esconder a peitaria sem salientar a traseira – além de uma mini-tv para ver futebol; não está nem aí para a portaria, é todo da putaria.

Arrasto Lala pelos ombros, ajudo-a a escalar os três degraus pré-porta de vidro, o porteiro tem um súbito acesso de cavalheirismo e abre a porta para nós. Abre até mesmo a porta do elevador, com toda uma expressão preocupada voltada para Lala. Pergunta se ela está legal, ao que respondendo que sim, tá ótima, apoiando-a cuidadosamente contra a parede do elevador como uma ripa de obra. Lala semidescerra os olhos e realiza um breve reconhecimento do recinto em que foi depositada, notando o espelho, para logo fechá-los de novo e se envolver com os próprios braços. Dou mais uma olhada ao porteiro, confirmando que *sim, a garota está em boas mãos*, e reconheço nele o olhar complementar de *eu, sim, saberia tratar essa mulher*. A porta se fecha morosamente, deixando ver sem cortes a corrida do porteiro para retornar ao posto a tempo de um zoom sobre o generoso decote de Lala.

Lala é daquelas que fica bem até o quarto copo e, no quinto, desaba. Tinha feito alguma mistura bastarda também, de vinho, um drinque novo da casa, provadinhas nos dos outros e mais uma ou duas cervejas.

Quando acerto a chave no buraco, dou de cara com meu irmão acordado, de cueca, assistindo uma reprise de novela mexicana, segurando uma garrafa de alguma coisa. Ele põe a mão no meu ombro, me olha nos olhos e diz:

– Marly Goriato é uma estrela, mas veja o que fazem com ela! Enfocam a mulher bem de perfil, proibem-na de girar o corpo um grau que seja e obrigam-na a contracenar de braços fixos, para que possamos constatar sem qualquer

dúvida sua total falta de pancinha e total abundância de peitões e bundão, e concluirmos desabonadamente, *como ela é gostosa*.

Aí o meu irmão. Ele quer ser diretor de cinema, mas só assiste televisão. O psicólogo estava errado. É ele quem me faz fumar de verdade. Toda vez que o vejo tenho que acender um cigarro.

Abro a porta do meu quarto e logo a seguir fecho-a de novo. Atiro Lala na cama e tiro suas sapatilhas. Enquanto isso, ouço lá da sala:

– Um superclose. A porcentagem de olhos claros na televisão é muito maior que a porcentagem de olhos claros na vida real – e a voz chumbada conclui, num último estertor: – Porque o espaço de cor da televisão favorece azul e verde.

Acendo um cigarro. O *case* do servidor deixa Lala azulada. É a única luz ali sem ser a da brasa que seguro. Acho bonito Lala azulada. Me acerco.

Ao reconhecer o interior das mangas bufantes de Lala, percebo que minhas mãos estão frias. Ela se remexe, meio dormindo, meio sorrindo. Só que, sem novos você-sabia da sala, esqueço de tragar o cigarro preso nos lábios e o polvilho que cai perfura o edredom e logo se extingue com uma fumacinha. Recuo. Não, realmente, não se deve fazer uma coisa dessas com o cigarro aceso. Começo a achar que o porteiro tinha um pouco de razão, afinal.

Não vejo cinzeiro. Apago o cigarro na coisa que tenho mais à mão: minha mão. Não se preocupem, eu agüento. E não queremos Lala espalhando para as amiguinhas que eu magoei sua linda cútis com o cigarro. Com ela eu quero fazer outra coisa.

\*\*\*

Quando saio do quarto, Trollop late na área de serviço como uma cuíca ao longe. Arranco um bom pedaço de papel higiênico, sabendo que não preciso me preocupar com barulho com meu irmão praticamente em coma (são dois). O serviço está quase terminado, e meu nanquim também.

Desta vez não saí com os amigos. Encontrei todos eles lá. Era uma festa nova, destas que atraem todas as “pessoas certas” e morrem depois de três meses de pico. Registrei, entre outros, Jaqueline, minha amiga de infância; Sérgio, o meu sócio no site; Cal e Rita juntos; e Lala, dançando com sua nova tatuagem à mostra. Eu diria que ela veio até mim “assim que me viu”, mas ela era popular demais pra isso: esperou que eu caísse a seu lado por artes da multidão para aí sim falar comigo. E mesmo assim, casualmente, como se fôssemos dois agentes secretos. Eu estava numa quina fumando e ela apareceu na outra, perpendicular.

– Oi, Clóvis.

– Oi.

Ela começou a rir aos pinotes, mostrando o braço:

– Cara, que foi que a gente fumou?

– Um pouco de tudo, respondi.

– Isso aqui, disse ela, baixando os olhos para o braço, está fazendo o maior sucesso.

Olhei para a tatuagem. Era uma coisa tosca, azul-nanquim, de marinho, desenhada tão nitidamente quanto possível sobre o antebraço esquerdo. Não desbotou com o tempo. E ela nem tinha se preocupado em escondê-la. Tudo o que consegui dizer foi:

– É?

– É. Tá todo mundo querendo fazer tatuagem caseira agora. O Alan até perguntou se você não faz uma nele.

Não consegui responder nada de imediato. Estava chocado. *Tatuagem caseira*. Lala transformava até aquilo em moda.

Estávamos literalmente em planos diferentes. Ingênuo, eu tinha pensado que aparecer com

**EU**



**EU**

mal-tatuado no antebraço para todo mundo ver significaria a ruína para aquela garota, mas naquele mundinho, aparentemente, só servia para lhe aumentar o status. Foi com isso na cabeça que consegui responder:

– Não. Só tatio mulher bonita.

Lala sorriu e tomou um gole do seu drinque azul. E mais não disse.

Eu estava desolado. Pensei em ir embora, mas percebi que antes disso precisava me embebedar. Já tinha deglutido o terceiro risco da minha comanda quando, de repente, Jaqueline prega o olho em mim. Pronto. Me fodi.

Jaqueline tem disso. De repente, pára de olhar para a pista e te olha. Não no olho. Não só. Ela observava cada gesto, e tragada, e tique, e ia acabar encontrando algo para comentar. Um fio da meada para puxar. Começo a ficar tenso.

– Você nunca puxa esse cigarro?

– Claro que puxo – digo eu, puxando.

– Mas você quase nunca põe isso na boca! Você sabe o que fazer com as mãos sem cigarro – eu sei que você sabe – então... por quê?

– Sei lá. Propaganda. Vejo corrida desde guri.

– Guri? Você é do sul por acaso?

A cada coisa que eu falava, Jaqueline só fazia me olhar mais intensamente. Mais para *dentro*. Mais pro fundo. Resolvi ficar calado.

– Você é estranho, Clóvis.

Ela disse isso como uma sentença.

Pensei que fosse morrer aí. Mas não havia jeito. Ela *olhava*. Estava de guarda esperando a alma passar entre as ripas. Pacientemente. Caçadora. Sei que tem alguma coisa aí, espera que já lhe digo o quê – e era bem capaz de acertar, me estudasse assim tanto tempo. Esgazeada. Em *widescreen*. Me capturando. Eu me mexia “casualmente”, desviando como podia daquele reparo maldito. E ela não parava! A cada cabeceio meu, ela ajustava o queixo de acordo. Finalmente, ela dispara.

– Você é doente, sabia?

– Eu sei, eu sei.

– Você é.

Era muita crueldade. Quer dizer, ela está tentando ser boazinha, mas usa métodos de má. Acho que muitas mulheres fazem isso – as melhores, tenho que reconhecer. Elas nascem com um núcleo duro de bem e mal tão misturados... Conhecendo-a desde pequena, eu via que Jaqueline era boa por pura conveniência. No início, o Bem que havia nela tinha admitido detestar o Mal que havia nela e, oras, detestar já é um tipo de maldade. Depois, o Bem tentara prevalecer, outra coisa intrinsecamente maléfica. E prevalecera persuadindo o Mal a ficar de seu reserva, dizendo-lhe que ser do bem abre muito mais portas, mas que em certos momentos ele, o Mal, teria uma procuração geral para se utilizar dos seus métodos e ardis à vontade. O

Mal pôs-se então voluntariamente em segundo, mas como bom Mal que é, tinha espasmos de querer ser mau a esmo, quebrando o acordo. Que nem um jogo de equipe com o número dois ainda querendo ganhar, ou pelo menos obter a vitória moral. Em resumo, o mal delas é tecnologia de ponta. As mulheres são uma escuderia imbatível. No fundo eu sei bem disso. Sei também que sou doente. Mas eu gosto.

– É, mas sou tão doente, tão doente, que me horroriza até a possibilidade de recuperação, sabe? Você ainda não chegou nesse estágio... infelizmente.

Me levantei, bati o casaco de um pó imaginário, e zumbi um “vou no banheiro”. Com duas passadas já ajudava a formar multidão, mas em algum lugar dela um neurônio pulsava a certeza de que não devia ser o único decepcionado ali.